



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 28-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: *Talho-Lisbon* • Telefone 5338 O.

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## GRANDEZA E DECLÍNIO DO BOLXEVISMO

O governo bolchevista acaba de assinar com o governo imperialista britânico um tratado de comércio, que é de facto um acto de reconhecimento oficial. Este reconhecimento é, por enquanto, de facto e não de direito. Parece que esta decisão é muito importante para os diplomatas e para os governos, tam apagados às chincinhas burocráticas e às tradições vetustas. Para os pensadores e para as massas — pois ao contrário da opinião geral eu considero as massas muito mais razoáveis e lógicas que os seus pseudo-dirigentes — para os pensadores e para as massas, revêto, a distinção entre o reconhecimento de facto e o de direito não tem importância, porque não representa qualquer papel no decurso dos acontecimentos e no desenvolvimento das suas consequências. Este tratado de comércio entre a Rússia bolchevista e o Império britânico é um triunfo para o governo de Lénine e um cheque para o governo conservador de Lloyd George. A fracção mais conservadora do governo britânico teve que ceder à pressão do Labour Party, à da fracção liberal do capitalismo e sobretudo às necessidades da vida económica da Grã-Bretanha.

Julgo que a queda de Bonar Law é, em grande parte, devida ao fracasso da sua política conservadora, tam claramente posta a nu pela assinatura do tratado de comércio. Agora vão-se desenvolver as consequências deste tratado. No que se refere à Grã-Bretanha, estas actuarão num sentido anti-conservador e no que diz respeito à Rússia num sentido anti-bolchevista.

Quando esperamos que os factos provejam a exactidão deste modo de ver o governo de Lénine pode considerar como um triunfo a assinatura do tratado com o Império britânico. Outros tratados de comércio já tinha feito com a Escandinávia e com a China; já tinha dado concessões consideráveis ao sindicato americano Vanderlip, fracção suficientemente poderosa do capitalismo americano para forçar o presidente Harding a concluir um tratado com os bolchevistas, ao que se recusava Wilson por um absoluto desconhecimento da natureza dos factos sociais e das suas repercussões. O governo de Lénine acaba de assinar a paz com a Polónia e com os Estados Bálticos. Está em negociações com os nacionalistas turcos, isto é, com o governo real da Turquia, para realizar um tratado de paz e talvez de aliança. Os industrialistas alemães já negociam com ele. A manhã tratará com a Itália e com o Japão. O governo francês, com uma obstinação estúpida, se recusa a tratar com o governo bolchevista. É leva a sua estupidéz ao ponto de fomentar, por intermédio de agentes conscientes e inconscientes, tentativas de «contra-revolução» na Rússia. A lógica mostra que qualquer tentativa deste género está votada ao fracasso e os seus mais evidentes efeitos é fortalecer o poder bolchevista. Os nossos diplomatas capitalistas são em demasia obtusos para compreender isto e continuam gravemente a seguir a política que o *Times*, o *Morning Post* e outros capitalistas tacanhos, à maneira do *Temps*, preconizam com um ardor incansável.

Os fracassos sucedem-se sem descontinuidade: Voudenitch, Denikin, Kolchack, Wrangel, Kozlovsky. E apesar de tudo, continuam! Será verdadeiro este pensamento: a tolice humana não tem limites?

Pode, portanto, o governo bolchevista encerrar com orgulho os acontecimentos decorridos durante os três anos e meio do seu governo. Triunhou em toda a parte. Os governos capitalistas foram levados pouco a pouco a fazer em 1921 o que uma simples análise das causas e das condições da revolução russa e o que uma dedução objectiva os teria levado a fazer em 1918 ou pelo menos em 1919. Quando nesta época analisava a política exterior da Entente e dos seus associados, no *Die Menschheit*, de Berne e no meu pequeno opúsculo *A Conferência da Paz e a sua obra*, demonstrei o que era preciso fazer, necessariamente aquilo que por fim foi obrigado a fazer o governo britânico, e que proximamente farão os governos do Ocidente. Lénine pode repetir com verdade o que Bonaparte dizia da Revolução Francesa quando discutia o Tratado de Campo Formio: «A Revolução Francesa é como o sol: cega os que a não vêem».

Quando consideramos objectivamente a vida do bolchevismo, somos levados a pensar que neste momento ele atinge o cume da curva que graficamente representa o seu processo vital. Com efeito, se o bolchevismo por toda a parte triunfa, não é duvidoso que se vai abrir para ele a era das mais graves dificuldades, porque a sua vida se vai presentemente encontrar mais ou menos ligada à vida económica de todo o mundo, e nem por outra forma pode ser, visto a solidariedade inelutável que une tudo e todos no espaço e no tempo.

Todavia, certas condições particulares podem produzir um conjunto favorável ao desenvolvimento do comunismo num dado lugar. Assim, uma ilha cujos habitantes se abstinem de todas as relações exteriores poderia viver sob um regime comunista autocrático ou libertário. Mas estas condições particulares são em parte irreais. Entretanto a política da Entente e dos seus associados, de 1917 a 1921, tendeu a produzir estas condições, visto que pretendem isolar a Rússia e obrigá-la a viver dos seus recursos. O socialismo pode dizer com justiça que a política dos Aliados era tendente a favorecer o desenvolvimento do comunismo, quando o seu fim era impedi-lo.

Mas agora o triunfo do governo bolchevista rompeu o isolamento mais ou menos completo em que se encontrava. Vai ser obrigado a ter relações económicas com os capitalistas do Ocidente, e, por consequência, a necessidade de com eles estabelecer acordos, isto é, compromissos. No interior a força passiva dos camponeses tinha obrigado o governo bolchevista a transigir com os seus princípios comunistas. Tanto quanto se pode julgar pelo conhecimento dos factos, que é possível ter pelos livros e jornais, o comunismo está muito longe de existir na Rússia, sobretudo no que diz respeito às terras. Quanto à indústria, o seu desenvolvimento está ainda muito na infância para que a sua forma comunista — se acaso existe — tenha uma influência notável. Com os acordos com os capitalistas ocidentais a situação mudou. As concessões aos Vanderlips e aos britânicos arrastam toda uma série de consequências, muito graves para a realização do comunismo. Em primeiro lugar, são a sua negação absoluta. Enquanto subsistirem, enquanto viverem, continuarão a ser esta negação e a manter condições de vida — para os operários, empregados e para os próprios técnicos dos governos — em oposição completa com as condições do Comunismo.

A paz, ou pelo menos uma paz relativa, vai reinar na Rússia. Por consequência, os governos vão ser obrigados a organizar toda a sua vida económica. Não lhes é possível deixá-la desenvolver-se espontaneamente, sob os esforços de todos os homens livres, visto que tem a mania da centralização e da autocracia. E-lhes necessário edificar tudo, regularmente tudo em detalhe e com minúcia. A burocracia estatal irá aumentar ainda muito mais. Em lugar de desenvolver a autonomia do indivíduo, isto é, o seu poder de acção, tende, pelo seu desejo de menor trabalho — lei do menor esforço — a desenvolver a obediência passiva. Tende a transformar o homem numa máquina, destruindo assim de facto uma grande parte da energia humana e utilizando mal uma outra fracção desta energia. Esta é uma das consequências de qualquer sistema governamental que se baseie sobre a autocracia. A autoridade, isto é, a autoridade dum homem sobre outro homem, é em si nociva. É por ele o esquecido, ou por ter negado esta verdade axiomática que Lénine foi levado a querer impor o Comunismo a toda a Rússia, apesar da oposição da maioria da sua população. Esta não está ainda suficientemente desenvolvida para compreender que o Comunismo livremente aceite o modo social que permite o maior desenvolvimento do indivíduo. E aliás este Comunismo livre só se pode organizar num povo feudalista, em que o Estado se veja reduzido ao mínimo do poder, em que a organização da produção e da repartição esteja nas mãos dos sindicatos de produtores (operários, empregados, técnicos) e a organização de distribuição nas mãos das cooperativas, isto é, dos consumidores.

Lénine e os seus colegas julgaram poder criar um Estado comunista pela autoridade baseada sobre a força da violência. Fracassaram. Os factos, o processo natural da vida económica-social russa foram mais fortes do que eles. Leix-se a obra muito objectiva do professor Simou Zagorski, *A República dos Soviotes*, o *Balanço económico* e reconhece-lo-hemos. Este fracasso é imputável ao princípio da autocracia e não ao princípio do Comunismo. Lénine quis fazer a revolução operária, repetindo em 1918-1921 o erro dos revolucionários franceses do século XVIII, quando pretendiam fazer uma revolução burguesa.

O que é preciso fazer é a *Revolução*. É necessário fazer desaparecer as classes e não substituir uma classe por outra. Esta vontade de fazer uma revolução operária conduziu Lénine, por um lado, a querer fazer dar um enorme salto ao povo russo, sob o ponto de vista económico, e por outro lado a esquecer a existência dos camponeses. Esqueceu que o conjunto das circunstâncias, num dado momento, é mais forte que a vontade de alguns homens. Uma transformação social não pode ser levada a efeito senão quando posta em marcha por uma minoria, como sempre sucede, correspondendo às aspirações da maioria.

Os erros que Lénine cometeu, apesar de todo o seu génio, foram parcialmente selados pela política dos Aliados, que transformava o governo bolchevista no legítimo representante da nação russa. Com os actuais tratados de comércio, com o restabelecimento de uma vida diplomática mais ou menos normal, não somente os erros não serão ocultos, mas, pelo contrário, aparecerão em plena luz. E o governo bolchevista não poderá continuar a servir-se da política dos Aliados como de um paraquedas.

Os dias do bolchevismo russo estão no declínio. Daqui a alguns meses ou daqui a alguns anos poder-se-á fazer o seu balanço. Não será nem tam belo como o sonhavam os ideólogos bolchevistas, nem tam feio como o afirmavam os capitalistas do Ocidente, os socialistas-russos e os adversários menaxevistas e socialistas-revolucionários. É certo que o futuro poderá dizer que, vistas bem as coisas, Lénine foi um bom operário do progresso humano. Pela sua tenacidade e pela duração do seu poder, impôs a revolução agrária na Rússia, destruiu o poderio nobiliário e burguês e, finalmente, conseguiu derribar toda a economia e todo o estado social russo, permitindo por esta forma edificar uma nova sociedade, que não será comunista, como ele a sonhava, mas nunca mais será capitalista, como o seria sob a influência dos cadeias e da

## C. G. T.

A manifestação do 1.º de Maio

Em harmonia com a decisão da última reunião do Conselho da Confederação Geral do Trabalho, o Comité Confederal acaba de enviar aos Sindicatos, Unões e Federações o seguinte documento, circular n.º 12:

Caros camaradas:

A C. G. T., ao aproximar-se a data do 1.º de Maio, aproveita o ensejo para se dirigir a todos os organismos sindicais do país, lembrando-lhes a alta conveniência de no corrente ano darem a manifestação anual do proletariado a mais elevada significação moral de solidariedade e de consciência revolucionária por uma decisão que a enobrega e imponha.

Uma tremenda crise se avizinha em Portugal, que alitará para a praça pública com milhares de operários, a semelhança do que já está sucedendo com os operários de outros países e que em Portugal já se iniciou, como resultado da incapacidade burguesa na direcção da produção; as liberdades de imprensa, de reunião e de associação estão permanentemente ameaçadas, quando são os operários que escrevem, falam, se reúnem ou associam para defender os seus interesses económicos ou a sua liberdade com mais intensidade ou energia, como é próprio de homens conscientes dos seus direitos menos preados. Os operários, quando reclamam, raras vezes são atendidos e as suas greves são proteladas pela sistemática reticência do patronato em atender as reclamações económicas mais instantes, afim de os enfraquecer, ou então são fortemente esmagadas pelo Estado sob as batonetas fraticidas da força de que impune dispõe. E, todo um conjunto de medidas tendentes a enfraquecer a organização, metódicamente postas em execução com o fim de aniquilar o espírito de rebeldia da classe trabalhadora, para que continue escrava do patrão e da lei, ignorante e servil.

A C. G. T., atenta as razões expostas, convida os organismos sindicais de todo o país a promover o maior número possível de conferências, sessões, comícios, etc., no dia 1.º de Maio, e

independentemente das reclamações de ordem local ou de classe, nas representações a apresentar ao patronato e ao Estado, de carácter geral, estas convém que sejam apresentadas com carácter permanente até que sejam atendidas:

1.º (Aos patrões): A aplicação do horário máximo de 8 horas em todas as indústrias, tanto porque é uma reclamação básica do proletariado, não ainda em execução permanente, como porque se está trabalhando mais do que aquele horário, em horas suplementares ou não, ocasionando assim a falta de trabalho a outros operários e alargando a crise;

2.º (Ao Estado): A liberdade de reunião, de associação e livre expressão do pensamento pela palavra ou pela imprensa;

3.º — A revogação de todas as leis de excepção e dos respectivos tribunais;

4.º A libertação imediata de todos os presos por delitos emergentes da questão social.

A C. G. T. considera, porém, que estas ou outras reclamações de carácter geral serão meramente platónicas, se a organização se limitar a exigir-las apenas no dia 1.º de Maio. Estas questões são de todos os dias, pois os governantes e os patrões não cessam de cercar regalias já conquistadas pela classe operária, à custa do seu ingente esforço, cimentado pelo sangue de muitos mártires. E, portanto, uma campanha que não pode cessar, enquanto não forem respeitados os direitos dos trabalhadores.

A C. G. T. convida, pois, todos os organismos sindicais a iniciar no dia 1.º de Maio este movimento libertador, imprimindo-lhe o maior calor e energia.

Saúde e Solidariedade.  
Manuel Joaquim de SOUSA  
(Secretário-geral)

Comité Confederal

Volta hoje a reunir, pelas 21 horas, o Comité Confederal para prosseguir na resolução dos trabalhos pendentes.

## Manipuladores de pão

Uma parte do pessoal já retomou o trabalho

Reúniu ontem a assembleia magna dos operários manipuladores de pão, que teve farta concorrência. Os grevistas tendo verificado que todos os elementos presos a pretexto da greve, inclusive o operário manipulador Domingos Vasques, haviam sido restituídos à liberdade, deliberou retomar o trabalho após a sessão. Falaram vários cantarões, que encareceram a necessidade da classe se manter unida, visto que foi devido à solidariedade ora revelada pela maioria dos operários manipuladores de pão que estes lograram ver satisfeitas as suas legítimas reclamações. Um delegado da F. C. C. fez uma desenvolvida exposição sobre as vantagens do movimento sindicalista.

Atendendo às precárias circunstâncias em que se encontra o camarada Pereira, a assembleia, num gesto espontâneo, realizou uma quele em seu favor, que rendeu a quantia de 95\$45, tendo também um grupo de caixeiros promovido, com o mesmo fim, uma outra quele, sendo apurada a quantia de 40 escudos e 50 centavos.

Deve ainda hoje faltar pão

Após a realização da assembleia, que decorreu, como é natural, entre grande entusiasmo, dirigiram-se os grevistas para as padarias onde exerciam a sua actividade à data em que foi proclamada a greve, ocupando os seus lugares quasi todos os da área do Bairro Alto e de várias outras padarias da cidade. Sucede, porém, que noutros estabelecimentos não foram os operários readmitidos, podendo citá-los os das ruas da Escola, Belém e Alfama, porque os respectivos fiscais da Companhia, João Almeida, João de Oliveira e Manuel Cal tal se opuseram.

Contra a atitude belicosa destes fiscais da Companhia protestou a comissão de greve junto dos representantes do ministro do interior, sendo quasi certo que o pão, mercê de tal circunstância, ainda hoje será insuficiente às necessidades do consumo, pois agora já não são os grevistas que provocam a sua escassez, mas aqueles fiscais.

## EM LIBERDADE

Foi ontem restituído à liberdade o operário gráfico Américo Vilar, que há dois anos se encontrava no Limoeiro e fora condenado pelo tribunal de defesa social em 1.º de Junho do ano passado, o que entregara ao governo.

Gran-Bretanha, se a revolução de Março de 1917 continuasse a sua evolução sem a intervenção do bolchevismo. Esta será a mistura de dois regimes sociais, que num futuro próximo há de permitir o desenvolvimento da forma comunista, libertária, federalista.

Paris, 1921.

## A ITALIA REACCONARIA

As perseguições aos avançados

Não tem conta já os assaltos e as violências praticadas por toda a Itália pelos «fascistas» com o pretexto de que as vítimas do teatro Diana precisam ser vingadas.

Logo após a explosão, foi assaltada a redacção da *Unità Nova*, bem como a do *Avanti!*, tendo sido destruído todo o seu mobiliário e a autoridade, ainda não satisfeita, mandou arrestar, apesar do seu estado, o material de imprensa da redacção do primeiro daqueles jornais, fazendo depois seguir tudo em camionas para as repartições da polícia.

Está claro que a prisão de todos os anarquistas e revolucionários italianos neste momento ainda pode ser justificada por razões de ordem pública, mas a apropriação de tudo quanto pertence à redacção e tipografia dum jornal é que não pode ter qualquer justificação, tanto mais que não existe na legislação italiana disposição alguma que permita a supressão violenta de qualquer jornal da polícia.

Mas como esta, por toda a parte, só faz aquilo que lhe apetece e lhe ordenam sem se preocupar que seja ou não legal o seu procedimento, entendem por melhor aproveitar este momento para fazer calar, pelo menos por algum tempo, uma voz que há muito a vinha importunando, e que se não acabardava com qualquer ameaça ou intimidação.

Presos por questões sociais

Comissão Central  
Para apreciar os resultados das demarches feitas por delegados desta comissão junto do presidente do ministério afim de conseguir a libertação dos camaradas que ainda se encontram presos, reúne amanhã, pelas 20 horas, esta comissão, com a comparencia de todos os seus delegados.

A luta... pelo "Direito,"

As apreensões dos governantes franceses

PARIS, 14.—A imprensa de Paris exprime os seus receios de que o presidente Harding insista com a França por meio de Viviani, de que não se apresse nas operações militares contra a Alemanha no primeiro de Maio.

Os jornais conservam sem comentários o discurso do presidente Harding, até que chegue o texto completo. Receia-se a proposta de fazer a América a paz separado com a Alemanha e recusa de entrar na Liga das Nações sem as apreensões que esse facto antecipa. Os Estados Unidos confirmam manifestadamente a culpabilidade da Alemanha e prometem todo o auxílio à França.—*Rádio.*

Gran-Bretanha, se a revolução de Março de 1917 continuasse a sua evolução sem a intervenção do bolchevismo. Esta será a mistura de dois regimes sociais, que num futuro próximo há de permitir o desenvolvimento da forma comunista, libertária, federalista.

Paris, 1921.

## A GREVE

Trabalhadores dos jornais

A solidariedade da classe operária

O nosso camarada ferroviário do Sul e Sueste Marcelino Costa, de Casa Branca, entregou ao tesoureiro da comissão executiva do movimento dos trabalhadores dos jornais a quantia de 40\$00, produto duma quele que o mesmo camarada abriu naquela localidade, entre elementos ferroviários, a favor dos grevistas.

A associação dos Correios de Lisboa enviou à comissão executiva um officio em que o mesmo sindicato faz votos pelo triunfo do movimento dos trabalhadores dos jornais, tendo enviado ao respectivo tesoureiro a quantia de 10\$00 para auxílio aos grevistas mais necessitados, lamentando não poder contribuir com quantia mais elevada neste momento.

A Federação de Calçado, Couros e Peles, em recente reunião do seu conselho confederal, deliberou contribuir com a quantia de 25\$00 a favor dos trabalhadores dos jornais em luta com as empresas jornalísticas, ao mesmo tempo que em officio enviado à comissão executiva do mesmo movimento exprime a sua opinião acerca do órgão dos grevistas na imprensa.

A assembleia geral do Sindicato Ferroviário da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, ontem reunida, ocupando-se da greve dos trabalhadores dos jornais, aprovou uma calorosa saudação aos mesmos grevistas, fazendo votos pela completa vitória das suas reclamações.

O S. U. Mobilário atendendo à admirável resistência dos trabalhadores dos jornais em greve e além do auxílio já concedido pelo seu cofre sindical, resolveu distribuir esta semana listas pelas oficinas, apelando para todos os seus componentes no sentido de que equipam com o seu dever para com aqueles que se tem saído manter no tam justo movimento em que estão empenhados.

Aos gráficos grevistas

São convidados a inscrever-se hoje, das 14 às 16 horas, para o efeito de subsídio, todos os camaradas em luta, que dêle careçam. A distribuição do subsídio far-se-á amanhã, das 10 às 18 horas, no local do costume.

## LIBERDADE DE TRABALHO.

Na verdade, isto é um país de disparates com os quais vão sofrendo aqueles que honestamente pretendem ganhar para o seu sustento. A liberdade de trabalho é pregada a todo o momento, negando-se porém essa liberdade de que os donos do dinheiro gozam.

Após a última greve ferroviária, foi demitido do serviço bastante pessoal, que tem procurado empregar a sua actividade noutras profissões, no intuito de conseguir o suficiente para não morrer de fome.

Nesse número encontra-se o camarada José Augusto Monteiro, ex-factor dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, que se empregara no restaurante da estação de Tunes. Nada de comum tem o restaurante com os serviços ferroviários, mas como assim não o entendam os ditadores dos caminhos de ferro, proibiram aquele camarada de trabalhar ali, a pretexto de se achar comprometido nuns actos de sabotagem quando da greve de 1918, sendo certo que tal acusação não foi provida tanto mais que sempre esteve ao serviço e só agora o demitiram pelo simples facto de ser grevista no recente movimento.

Problema, pois, o camarada Monteiro de angariar honestamente meios para viver, e com esse procedimento dos perseguidores dos ferroviários só vamos o intuito reservado de amanhã o acusarem de vadio e como tal mandarem-nos para a África, como a muitos tem sucedido.

É repugnante o expediente adoptado, roubando a um homem o direito, a tam decantada liberdade de trabalho, condenando-o a morrer de fome.

Tam indigno proceder revela claramente os instintos ferozes, o ódio dos bem comidos a queles que pelo trabalho honrado pretendem obter o seu sustento e de suas famílias, quantas vezes lutando com a miséria.

## A greve dos carpinteiros navais

Uma nota do S. U. Construção Civil

Como temos noticiado, o sindicato dos carpinteiros navais fez há tempo uma reclamação de aumento de salário ao respectivo patronato, tendo-a conseguido ver satisfeita pela maioria destes. Sucede, porém, que alguns, poucos, industriais tem oposto resistência à referida reclamação, motivo porque o sindicato mantém, para com esses, a greve parcial.

A propósito dum caso assás condenável que se passa em relação ao mesmo movimento, envia-nos o Sindicato Unico da Construção Civil a seguinte nota:

Tendo chegado ao conhecimento deste sindicato, por intermédio do Associação dos Carpinteiros Navais, cuja classe se encontra em greve parcial há aproximadamente quatro meses, que a bordo do vapor *Calisto* estão alguns carpinteiros da construção civil trabalhando, atrelando desta forma os seus camaradas navais, o sindicato convida os referidos carpinteiros a abandonarem esse trabalho, pois que a acção que estão cometendo é de molde a deixá-los mal colocados perante toda a classe operária. Caso não abandonem o trabalho, ficará este sindicato publicando os seus nomes para que a acção profissional de carpinteiros ome as providências necessárias.

## EL-LOS—OS CRIMINOSOS

## Uma verdadeira apoteose

Os ferroviários saídos das cadeias são recebidos no Barreiro entre um entusiasmo delirante

Ontem, a vila do Barreiro assistiu a uma manifestação como nunca ali se efectuara.

Não se tratava da recepção a ministros ou a pessoas com elevados cargos no país. Foram vitoriosos trabalhadores honestos e dignos que no último movimento grevista tomaram parte activa e que por esse motivo sofreram os ataques mais desleais, as infâmias mais inverosímeis das classes privilegiadas e dos ditadores dos caminhos de ferro, que até de gatinhos os chegaram a acusar, tendo-os presos e incomunicáveis durante longo tempo.

A imprensa burguesa, nessa ocasião também despejou a sua bilis sobre os ferroviários, enlameando os seus nomes honrados, mas fez-o na certeza de que então não seria desmentida, aproveitando a ocasião de envenenar a opinião pública, porquanto os ferroviários presos encontravam-se na mais rigorosa incomunicabilidade, não conhecendo, por isso, as infâmias que sobre si bolsavam.

A amnistia veio restituí-los à liberdade, embora o desejo dos criminosos fosse o de, em pleno tribunal, desmentar por completo todos aqueles que os pretendiam atingir, e deitar por terra as artimanhas criminosamente urdidas.

Mas a manifestação de ontem, em que vibrou com intensidade a alma dos ferroviários e de todo o povo do Barreiro, veio afirmar duma forma elevadíssima e sobre a solidariedade insolúvel dos trabalhadores dos caminhos de ferro — para com aqueles que tem sido perseguidos, demitidos e vexados.

Em face desse espectáculo grandioso, dessa verdadeira apoteose aos ferroviários que acabam de ser postos em liberdade, que dirão os ditadores dos caminhos de ferro, que a todo o transe pretendiam esmagar uma numerosa classe que constantemente tem dado provas de consciência? Em que situação ficam os seus perseguidores, vendo que uma classe inteira está de alma e coração com as vítimas?

Seria bom que eles assistissem ao vibrar do sentimento de uma multidão que não foi coagida a prestar homenagem aos amigos queridos, mas que lhes exteriorizou espontaneamente o seu afecto. É a que está o valor da manifestação, a nobreza dos sentimentos de uma classe espolhada.

Decerto que, se algum dos perseguidores daqueles nossos amigos tivesse ocasião de a apreciar, sentir-se-ia pequenino, um insignificante, em face do que ontem se passou.

A partida para o Barreiro

Miguel Correa, António José Piloto e outros ferroviários que haviam sido soltos, e cujos nomes não nos foi possível colher, embarcaram ontem na estação do Terreiro do Paço, pelas 19 horas, acompanhados de numerosos amigos de Lisboa.

Cerca das 20 horas chegava-se ao Barreiro. Na gare-cala e nos barcos ali fundeados acolovelava-se uma multidão enorme que, à chegada do vapor, irrompeu em entusiásticas vivas e palmas.

A recepção

Os abraços às vítimas sucediam-se, sendo levadas em triunfo por entre alas de homens, mulheres e crianças, que se aglomeravam pela via até à primeira passagem de nível e as saudavam. O comboio n.º 9, para Setúbal, teve dificuldade em avançar.

Chegados ali, uma banda de música, composta das duas que existem na vila,

executou o hino 1.º de Maio. As manifestações então chegaram quasi ao delírio. A multidão ali era também imensa, e sobre aquele mar de cabeças surgia ovante a bandeira do Sindicato do Pessoal Ferroviário do Sul e Sueste. Miguel Correa, a muito custo, conseguiu, comovido, pronunciar algumas palavras de agradecimento. E os vivos e as palmas não cessavam, seguindo depois aqueles milhares de pessoas, no meio dum indescriível entusiasmo, por várias ruas da vila.

O aspecto era grandioso, imponente! De algumas janelas, onde predominava o elemento feminino, deitaram flores sobre a multidão. Em muitos olhos viam-se lágrimas de comoção, de alegria. As mães levantavam os filhinhos nos braços para lhes mostrar as vítimas que soberam e sabem lutar por causas nobres, pelo mesmo futuro dessas crianças.

Não podemos, em verdade, dar um pálido reflexo do que presenciámos. Reconhecemos nos insuficientes para o fazer, porque não há palavras capazes de dar uma ideia da comovedora demonstração de afecto e solidariedade de que os bravos e honrados militantes foram alvo.

Saudando os militares amigos

A certa altura aquele mole izdensa parou e António Piloto pede que se abram alas afim dos militares ferroviários que já estão em liberdade e veem dispersos se juntam e vão para a frente do cortejo. Esses militares vão avançando e são abraçados, levados em triunfo. O entusiasmo cresce, porque são outros sacrificados.

A muito custo as mães, as esposas e os filhos dos libertos conseguem beijá-los. Estas manifestações é que são naturais, espontâneas, saídas da alma popular, sem que as encomendassem! A pessoas idóneas da localidade ouvimos que nunca ali se fizera homenagem idêntica, tam cheia de fé e de entusiasmo.

Já escurceu, e a multidão dirigiu-se para o Barreiro-A, a esperar Entrudo Júnior e outros ferroviários militares, que haviam estado em S. Julião da Barra, e que se esperava chegassem no comboio das 21. Porém, aqueles camaradas não chegaram e o cortejo dirigiu-se para a sede do Sindicato. Muitos operários empunhavam archotes, o que dava um novo aspecto à manifestação, no escuro da noite.

As janelas dos prédios continuavam repletas de gente, que vitoriosa e entusiasticamente os camaradas libertados,

Uma sessão no Sindicato

Chegou a marcha triunfal ao Sindicato, onde, no quintal, pelas 22 horas, se deu início a uma sessão.

Vai para ali acorrendo mais gente, o elemento feminino nota-se em grande número e a luz projectada pelos arcos das aquelas milhares de cabeças e nas modestas toilets claras das mulheres, produz um efeito fantástico, — é como que uma apoteose, a consagração às vítimas da tirania caserneira.

Uma saudação dos ferroviários do Minho e Douro

Da União Ferroviária (Pórt) acabamos de receber o seguinte telegrama: PORTO, 14.—Congratulamo-nos com a liberdade de Miguel Correa, António José Piloto e restantes camaradas ferroviários. Saudações fraternais.—*União Ferroviária.*

jornal, na suposição de que nos deixariam estarcidos, informando-o ainda acerca da maneira como pelos da segurança e da guarda republicana são tratadas as pessoas que se permitem assistir aos julgamentos do tribunal de defesa social, factos que indignaram o chefe de gabinete do ministro do interior, que declarou que este não sanciona tais truculências, antes as reprova formalmente, porque se assemelham — e é verdade — às que foram praticadas pelos servidores do desmembrismo.

Enfrentando havemos de notar a reincidência...

## A aviação progride

PARIS, 13.—O serviço aéreo entre Paris e Londres está em desenvolvimento constante e em plena normalidade.

Desde ontem está em actividade a linha Paris-Varsóvia. Um avião postal partiu na quarta-feira levando o correio e um passageiro, fez escala por Praga, onde tomou um segundo passageiro e chegou às seis e meia da tarde, demorando somente dez horas para concluir o percurso, enquanto o caminho de ferro exige sessenta.—*Rádio.*

## ABNEGAÇÕES DE D'ANNUNZIO

ROMA, 14.—D'Annunzio não aceitou e declara que não aceitará nenhuma candidatura em nenhuma circunscrição que fizessem a um representante desteleitoral.—*Rádio.*



